

## A FILOSOFIA NO ANTIGO EGITO

Juan José Castillos

CASTILLOS, Juan José. La filosofía en el Antiguo Egipto. **Tempus - Revista en Historia General**. n. 3, p. 77-93, 2016. Tradução para uso didático por Gustavo Henrique de Moraes Florindo & Lavinia Maria Miranda Mundim.

**Resumo:** Por muito tempo, a opinião em meios acadêmicos tem sido a de que não existia, no Antigo Egito, nada que possa ser chamado propriamente de filosofia ou pensamento filosófico. A filosofia supostamente começou com os gregos e as antigas civilizações como a Egípcia e Mesopotâmica produziram de forma abundante mitologias para explicar a origem do universo e o lugar da humanidade no mesmo, temas como: a verdadeira natureza do pensamento humano, a razão, a ética e tantos outros aspectos da realidade que nos cerca foram abordados adequadamente apenas pelos gregos. Em épocas mais recentes surgiram diversas opiniões que contradizem esta percepção, algumas dessas extremas por necessitar de uma base fundamentada são desconsideradas por quase a totalidade dos estudiosos. Neste contexto, este artigo analisa até que ponto é possível falar de pensamento filosófico no Egito Antigo de acordo com os textos antigos que chegaram até nós.

**Palavras-chave:** Egito Antigo, Filosofia, Gregos, Egiptologia.

Bertrand Russell escreveu, em meados do século passado, que os egípcios e os babilônios fizeram descobertas que os gregos mais tarde usaram proveitosamente, mas nenhum desses povos tiveram o que poderíamos chamar de filosofia, talvez devido às condições sociais ou a falta de genialidade desses povos. Suas crenças religiosas podem ter sido um elemento pouco propício para tais empreendimentos. O que deu uma vantagem aos gregos, uma vantagem decisiva, foi o seu amor pela verdade e pela beleza.

O desregrado e instintivo no homem deu origem à religião primitiva e os ritos de fertilidade, o organizado e racional em nós foi o que deu origem à filosofia, à arte e à ciência<sup>1</sup>.

Outro proeminente especialista nos estudos clássicos escreveu que o antigo Egito, apesar de seus milênios de vida civilizada, estava repleta de uma “horrível rigidez, quase uma fossilização” enquanto a antiga Grécia pertencia a uma categoria

---

<sup>1</sup> Bertrand Russell, *Wisdom of the West*. (Londres: Fawcett Publications Inc, 1966), 11, 14; Bertrand Russell, “Part I, the Pre-Socratics, Chapter I, the Rise of Greek Civilization”, *A History of Western Philosophy*. (Nova York: Simon & Schuster - Touchstone 1967), 3.

muito diferente e especial, e algo que podemos chamar de fato civilização, a aspiração deliberada a um ideal, que começa a se dar desde a época dos gregos<sup>2</sup>.

Outros autores de História da Filosofia, cuidadosamente, evitam tratar desse tema espinhoso e simplesmente começam com Pitágoras, Tales e Aristóteles<sup>3</sup>.

Podemos aqui ver exemplos do desprezo de muitos classicistas em relação às civilizações anteriores à grega que ainda hoje colocam empecilhos a criação de cátedras de egiptologia ou assiriologia nas universidades de muitos países, sob a equivocada ótica que essas outras civilizações, vistas como etapas formativas e imperfeitas na evolução da humanidade, têm pouco a contribuir a compreensão de nosso mundo ocidental moderno<sup>4</sup>.

Aproximadamente ao mesmo tempo que as opiniões negativas de outros acadêmicos de meados do século XX, John Wilson se perguntava se o antigo Egito havia feito alguma contribuição à Filosofia, a ética e a concepção do mundo posterior. Sua resposta foi que não, não estavam capacitados para desenvolver uma filosofia que pudesse ser transmitida a outras culturas<sup>5</sup>.

Uma das possíveis razões para esta situação é que no caso dos acadêmicos situados fora da egiptologia, estamos em clara desvantagem já que a filosofia grega antiga é bem conhecida desde muitos séculos, enquanto os textos egípcios relacionados com estas questões foram disponibilizados há menos de dois séculos.

Referente a percepções negativas provenientes de egiptólogos, talvez nossos sistemas educativos tradicionais, naqueles que a Grécia aparecia como começo da nossa ciência e filosofia moderna, foram plantadas sementes discriminatórias em suas opiniões, o resultado previsível se arbitrariamente elegermos um modelo para decidir se outros chegam a esse nível ou não.

Mas recentemente, de fora da egiptologia, alguns autores têm sustentado a posição oposta, ou seja, que o antigo Egito foi o berço da ciência e da filosofia e que

---

<sup>2</sup> Werner W. Jaeger, *Paideia: The Ideals of Greek Culture*. (New York, 1945), XIV-XVII.

<sup>3</sup> Anthony Kenny, *Ancient Philosophy, A New History of Western Philosophy*, Vol. 1, (Oxford: Oxford University Press 2007), 368.

<sup>4</sup> Karsten Johansen, *A History of Ancient Philosophy, From the Beginning to Augustine*. (Londres: Taylor & Francis, 2005), 21-22.

<sup>5</sup> John Wilson, H. Frankfort et al., *Before Philosophy, The Intellectual Adventure of Ancient Man*, (Harmondsworth: Penguin Books 1959).

teve uma influência decisiva posteriormente sobre Grécia, uma posição extrema e injustificada que tem sido criticada severamente por vários egiptólogos e vários acadêmicos de outras disciplinas.<sup>6</sup>

No caso de Martin Bernal devo confessar que tem sido uma tarefa muito difícil ler milhares de páginas contendo meias verdades e afirmações incorretas, mas o mais surpreendente para mim foi descobrir que alguns (poucos, espero) de meus colegas egiptólogos parecem tomar essas ideias seriamente.

As ideias de Bernal foram muito bem recebidas por afrocentristas e outros defensores da visão do antigo Egito como a fonte de toda a filosofia em seu contexto geográfico. Mas tal perspectiva está desvirtuada por afirmações não sustentáveis arqueologicamente, como que a Grécia havia sido conquistada e colonizada pelo Egito, Fenícia e variações linguísticas caprichosas e arbitrarias<sup>7</sup>.

Mas por que teriam a dizer os filósofos da antiga Grécia e outros autores da antiguidade acerca do Egito neste tema? Nunca tomaram para si o mérito de haver originado a filosofia e a ciência, pelo contrário Sócrates no *Fedro* é citado afirmando que “A história é que na região de Naucratis no Egito vivia um dos antigos deuses do país, o deus para qual a ave íbis é sagrada, seu nome é Teuth. Ele foi quem inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, para não falar do jogo de damas e dados, e sobretudo, a escrita”<sup>8</sup>.

Apesar do mítico rei egípcio Busiris ter uma má reputação entre os gregos<sup>9</sup>, havia quem falasse de sua sabedoria.

Isócrates nos disse que

Assim Busiris começa, como fazem os homens sábios, ocupando as melhores terras e também procurando o sustento de seus súditos. E os sacerdotes, os quais desfrutavam dessas condições de vida,

---

<sup>6</sup> Martin Bernal, *Black Athena, the Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, (New Brunswick: Rutgers University Press, 1987), 668; Mary Lefkowitz y Guy Maclean Rogers, eds., *Black Athena Revisited*, (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996) 544; Mary Lefkowitz, *Not Out of Africa*, (New York: Basic Books, 1996), 320.

<sup>7</sup> Martin Bernal, *Black Athena*, Vol. 1, *The Fabrication of Ancient Greece, 1785-1985* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1987), 440; Martin Bernal, *Black Athena* Vol. 2, *The Archaeological and Documentary Evidence* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1991), 522; Martin Bernal, *Black Athena* Vol. 3, *The Linguistic Evidence* (New Brunswick: Rutgers University Press, 2006), 582.

<sup>8</sup> Platão, *Fedro*, 274c-275a.

<sup>9</sup> Daniel Méndez-Rodríguez, “La imagen de Busiris y Memnón en las fuentes clásicas”, *Trabajos de Egiptología, III Congreso Ibérico de Egiptología*, 5/2, (2009).

descobriram para o corpo a ajuda que a arte da medicina proporciona, não utilizando drogas perigosas mas sim drogas que são tão inofensivas como nossa comida cotidiana e, contudo, seus efeitos são benéficos tanto que todos os homens estavam de acordo que os egípcios desfrutavam da maior saúde, longevidade e então, para alma, introduziram o ensino da Filosofia, uma prática que tem não só o poder de estabelecer leis mas também formas de investigar a natureza do universo. Para os idosos, Busiris ensinou as principais responsabilidades para persuadir os jovens a deixar de lado todos os prazeres e dedicar-se ao estudo das estrelas, da aritmética e da geometria; o valor dessas ciências é elogiado por alguns por sua utilidade em certas tarefas é tanto que outros procuram demonstrar que ela dirige ao mais alto grau de virtude<sup>10</sup>.

Segundo os antigos filósofos gregos, os egípcios também se destacavam por sua “piedade” (*eusebeia*) e por sua “sabedoria prática” (*phronesis*)<sup>11</sup>.

Heródoto, por outro lado, nos diz que

Os egípcios foram os primeiros a ensinar que a alma humana é imortal e que, ao morrer o corpo, entra em outro ser vivo no momento do nascimento e logo após ter passado por todas as criaturas da Terra, mar e céu (um ciclo que se completa em três mil anos), entra novamente em um corpo humano ao nascer. Alguns dos gregos, antigos e modernos, tomaram esta doutrina como se fosse sua, conheço seus nomes mas não os menciono aqui.<sup>12</sup>

Agora sabemos que Heródoto estava equivocado ou mal informado ou talvez decidido a dar aos egípcios uma crença que não era deles, o que causou que esta concepção continue a ser afirmada nos dias atuais como uma fonte antiga sobre esta crença, mas o que quero sublinhar é que também aceita que os antigos egípcios foram os primeiros a ensinar o que podemos considerar como temas filosóficos.

Proclus pensava que

Como nos compete examinar o começo das artes e das ciências com referência ao presente ciclo [do universo], decidimos que, de acordo com a maioria dos autores, a geometria foi descoberta primeiro pelos egípcios, primeiramente para o cálculo de áreas... O que quer que ofereça um campo mais vantajoso de investigação e contribuir ao todo da filosofia, tomaremos como o ponto de partida para posteriores investigações, imitando os pitagóricos, entre os quais circulava este aforismo, “Uma figura e uma plataforma, não uma

---

<sup>10</sup> Isocrates, *Busiris*, 13-20.

<sup>11</sup> Christos C. Evangelou, *Hellenic Philosophy, Origin and Character* (Aldershot, 2006), 22.

<sup>12</sup> Herodotus, *Histories*, Book II, 123.

figura e seis centavos”, isto queria dizer que a geometria merecedora de estudos é a que, em cada teorema, estabelece o nível das coisas sensíveis dos mortais e mediante este baixo propósito se esquece de falar sobre coisas superiores.<sup>13</sup>

Diodoro Sículo escreveu que “Para muitos dos costumes que se disseminaram nos tempos antigos, o tipo de filosofia helênica entre os egípcios não só foram aceitas pelos habitantes modernos como também despertaram bastante admiração entre os gregos”<sup>14</sup>.

A influência da filosofia egípcia sobre a antiga Grécia tem sido resumida nos seguintes termos: “Evidentemente, por meio do canal especialmente da tradição pitagórica, algumas sementes e raízes de sabedoria egípcia chegaram a Grécia clássica, onde cresceram originando a magnífica árvore do Platonismo”<sup>15</sup>.

Como podemos ver pelo que se segue, e a apesar dos grandes espaços vazios do nosso conhecimento devido a natureza incompleta dos textos que chegaram até nós, os antigos egípcios se ocuparam de temas filosóficos como, por exemplo, a origem do universo, se existiria para sempre ou não, o que há no universo e fora dele, o que é o conhecimento e a verdade, como devemos viver as nossas vidas, o que é a virtude e a falta dela, a natureza do tempo e o significado do passado e do futuro, a ideia da realização do passado no presente e como o presente é afetado pelo passado, o papel da intervenção divina na história, o papel dado aos grandes indivíduos, a mortalidade humana e divina, entre outros muitos temas que hoje estariam no campo de estudo da filosófico da praxiologia (estudo da conduta humana), epistemologia (estudo da origem, natureza e limites do conhecimento), axiologia (estudo da bondade, valor ou virtude em seus sentidos mais amplos) e ontologia (a natureza da realidade e da existência e das categorias básicas do ser).

As tentativas por parte de alguns egiptólogos de negar aos antigos egípcios a capacidade para nenhum tipo de lógica<sup>16</sup>, podem se dar devido aos vários tipos de concepções errôneas e em minha opinião não resistem a uma análise imparcial.

---

<sup>13</sup> Proclus, *Commentary on Euclid*, 64, 16-70.

<sup>14</sup> Diodorus Siculus, *Book I*, 69, 1-6.

<sup>15</sup> Christos C. Evangeliou, *Hellenic Philosophy*, 29.

<sup>16</sup> John R. Baines, “Interpretations of religion, logic, discourse, rationality”, *Göttinger Miszellen*, 76, (1984), 29.

Não estou de acordo com aqueles que pensam que o que hoje entendemos por lógica era ignorado pelos antigos egípcios. A lógica pode também ser descrita como uma tentativa de conceber regras para discorrer corretamente e seria muito surpreendente se estivesse ausente de uma outra forma nas civilizações não ocidentais, e que tal carência haveria limitado seriamente seu desenvolvimento cultural e impedido muitos de seus feitos.

Pode parecer que afirmações aparentemente contraditórias feitas pelos antigos egípcios como, por exemplo, que vários deuses eram considerados ao mesmo tempo como sendo “o maior” tinham pouca lógica, mas isto pode muito bem dever-se a um mal entendido originado ao considerar a antiga religião egípcia como um corpo heterogêneo mas coerente e universal de crenças, tal como são as religiões modernas. Esta dificuldade se resolve se nos dermos conta que os egípcios tinham muitas religiões originais, que foram artificialmente reunidas no que parece ser um único conjunto de crenças especialmente por razões políticas.

Um grupo de egiptólogos franceses de meados do século XX, aparentemente perceberam isto quando publicaram seus estudos sobre o que hoje chamamos de religião egípcia no plural, ao invés do mais frequente singular<sup>17</sup>.

Tem-se encontrado também evidência de uma atitude lógica da sua maneira de pensar na linguagem antiga<sup>18</sup>.

Para os egípcios antigos, o universo consistia na terra abaixo e no céu acima, separados pela atmosfera. Os seres humanos viviam e percebiam o universo dentro desses limites, eles abaixo, sobre a terra, e acima o sol, a lua e as estrelas, podia se especular sobre o que havia mais pra lá mas era desconhecido mesmo para os próprios deuses (“desconhecido para os deuses ou os akhs”)<sup>19</sup>. Havia também um mundo inferior, o Duat, povoado por deuses e humanos justificados. O sol viajava pelo céu durante o dia e atravessava o Duat pela noite, para renascer a cada dia recomeçando

---

<sup>17</sup> Gustave Jéquier, *Considérations sur les religions égyptiennes*, (Neuchâtel: La Baconnière 1946), 248; Christiane Desroches-Noblecourt, *Les Religions égyptiennes*, (Paris: Aristide Quillet, 1948), 205-327 ; Jean Sainte-Fare Garnot, *Religions égyptiennes antiques, Bibliographie analytique*, (Paris: Presses Universitaires de France, 1952), 277.

<sup>18</sup> Henry George Fischer, “Further evidence for the Logic of Ancient Egyptian: Diminishing Progression”, *Journal of the American Research Center in Egypt* 10, (1973): 5-9.

<sup>19</sup> James Allen, *Genesis in Egypt, The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*, (New Haven: Yale University, 1988), 1-7.

seu ciclo.

O universo foi criado por deuses que surgiram do oceano primitivo, da obscuridade e do caos, mas não como uma criação de coisas e seres vivos, eles acreditavam que todo o universo consiste de seres, atmosfera, o céu, mesmo que o Duat sejam deuses ou manifestações divinas.

Apesar das forças dinâmicas presentes no universo egípcio antigo, há uma natureza imutável nele, os acontecimentos se repetem em um ciclo de contínua semelhança, a realidade é o resultado de princípios opostos em equilíbrio, a existência é o resultado da oposição entre inexistência e potencialidade que de algum modo se resolvia na realização da existência.

Mas ainda que os egípcios pensassem em termos de “milhões de anos”, concebiam a possibilidade de um fim para o universo e ainda dos próprios deuses. A medida que as forças do caos devoravam a criação, a existência, a inexistência pode retornar, mas também concebiam a possibilidade de uma nova criação do universo depois do tão catastrófico fim<sup>20</sup>.

Assim, o tempo passado e futuro (djet e neheh), ainda que frequentemente traduzidos como “eternidade”, deveriam ser considerados como períodos indefinidamente grandes de tempo, como os “milhões de anos” ou “bilhões de anos”, já que, segundo os antigos egípcios, o universo tinha um começo e podia ter um fim<sup>21</sup>. O homem, no universo, era responsável antes dos deuses por suas ações e ser virtuoso era, portanto, uma maneira sábia de viver. A literatura sapiencial – e, talvez ainda mais importante, o capítulo 125 do Livro dos Mortos – descreve as boas ações e também as más que deviam ser evitadas. Mas o homem dispunha do livre arbítrio e podia escolher de que forma atuar<sup>22</sup>.

Em um texto antigo, a deusa Seshat disse:

Eu venho a ti, oh deus de Edfu, com minha plumagem multicolor,  
Para poder deixar gravado antes de ti,

---

<sup>20</sup> Sherine ElSebaie, “*The destiny of the world: A study on the end of the universe in the light of ancient Egyptian texts*”, (tesis de maestría, Universidad de Toronto, 2000), 44.

<sup>21</sup> Frederic Servajean, “À propos du temps (neheh) dans quelques textes du Moyen Empire”, *ENIM* 1, (2008): 15-28; E. P. Uphill, “Never had the like occurred’: Egypt’s view of its past”, En *The Ancient Egyptian View of World History* (London: Instituto de arqueología, 2003), 23-25.

<sup>22</sup> André de Campos Silva, “The status of free will in ancient Egypt’s Old and Middle Kingdoms according to the Instruction of Ptahhotep” (Master’s Thesis, University of Lisbon., 2010).

Quem faz o bem e quem faz o mal, ou seja,  
Quem conduz na direção do mal, quem entra contaminado,  
Quem diz falsidades em sua casa,  
Quem sabe discernir entre o bem e o mal,  
Quem é puro, cujo coração é justo, caminhando o bom caminho  
Quem faz dano aos seus funcionários em sua cidade,  
Quem ama muito os seus assistentes,  
Quem aceita subornos, quem favorece o rico contra o pobre,  
Quem cobiça o que está em seu templo,  
Quem julga com o coração sem aceitar subornos nem nada de  
nenhuma pessoa,  
Eu escrevo bênçãos para quem faz o bem em sua cidade,  
E rejeito o caráter de quem faz o mal,  
Quem faz o bem antes de ti viverá para sempre,  
Mas o malvado perecerá eternamente<sup>23</sup>.

Apesar de esses textos sublinharem os princípios que um homem virtuoso deve aceitar e praticar para colher os benefícios de tal modo de vida, eram em todas as épocas cétricos que duvidavam que a virtude sempre traria recompensa e que o mal sempre era castigado.

Embora seja compreensível que esses questionamentos não alcançaram uma ampla disseminação no país onde a ordem natural divina (Maat) deveria reinar sustentado pelo poder e sabedoria do rei, alguns textos e músicas pessimistas questionavam as crenças estabelecidas e às vezes pregavam o que podemos chamar de uma aproximação epicurista da vida, em contraste com o tipo de estoicismo presente na literatura oficial que se ensinava nas escolas próximas aos templos.

Não nos chegou nenhum texto antigo egípcio que trate de epistemologia, mas se estudarmos seus papiros científicos podemos inferir algumas noções de como se encaminhavam na busca do conhecimento e as limitações que encontram em tais empreendimentos.

Uma exemplificação das conquistas intelectuais dos antigos egípcios, a medicina, foi um campo em que foram universalmente elogiados por seus contemporâneos, pela amplitude de seu saber e pelo conhecimento especializado que realizavam.

Ao mesmo tempo que a egiptologia moderna declara que não há, ainda,

---

<sup>23</sup> Robert Meyer, "Magical ascesis and moral purity in ancient Egypt", En *Transformations of the Inner Self in Ancient Religions* (Leiden: J. Assmann and G. Stroumsa, 1999), 53-54; Gerhard Fecht, "Die Wiedergewinnung der altägyptischen Verskunst", *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Kairo* 19, (1963): 84-88.

evidência suficiente neste terreno para aceitar um interesse puramente científico por parte dos egípcios, se admite que há abundantes indícios de racionalidade e sistematização em seus esforços<sup>24</sup>.

No campo das matemáticas, no qual os antigos egípcios têm sido repetidamente criticados por seus métodos excessivamente complicados e sua aproximação predominantemente prática, não devemos esquecer que utilizaram do sistema numérico decimal, o mais natural dos muitos possíveis já que é o número de dedos que temos em nossas mãos, que remonta as origens desta civilização pois o encontramos na Cabeça de Mesa Cerimonial do rei Narmer da Primeira Dinastia, assim como um valor de número Pi de 3,16 muito mais próximo ao valor real que o utilizado pelos babilônios e outros matemáticos da época, ambas as contribuições seriam surpreendentes se os egípcios não estivessem tão atrasados comparados com os babilônios e suas complexas técnicas algébricas.

Os babilônios, por outro lado, usavam um sistema numérico sexagesimal que hoje se usa em geometria, mas não é o utilizado por nós em nossa vida cotidiana, que é o decimal egípcio antigo.

O problema 79 do Papiro Matemático egípcio Rhind, se relaciona com uma progressão da soma das potências do número 7, similar ao mencionado por Leonardo de Pisa no século XIII e que é conhecido popularmente hoje como o poema “Enquanto ia para São. Ives”. A recente descoberta de um texto demótico que se refere à extração da raiz quadrada de 10, é similar ao descrito por Heron de Alexandria no século I de nossa era.

Apesar das enormes lacunas que ainda temos em nosso conhecimento dos empreendimentos intelectuais do antigo Egito, estes sugestivos fragmentos de evidência deveriam impedir que adotemos uma atitude negativa sobre a capacidade da aproximação racional dos antigos egípcios ao que hoje chamamos de ciência.

Outra consideração que deveríamos ter em vista, é a sabedoria que contém a observação dos egípcios de que percepções exatas e conhecimento verdadeiro não são

---

<sup>24</sup> John Richard Harris, “Chapter on Medicine”, En *The Legacy of Egypt*, (Oxford: 1971), 115. Más recentemente: Annette Imhausen, *Ägyptische Algorithmen: eine Untersuchung zu den mittelägyptischen mathematischen Aufgabentexten* (Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag, 2003), 387.

sempre o privilégio do filósofo eminente:

Não se torne orgulhoso de sua sabedoria, consulta ao ignorante e ao sábio, os limites da arte não estão alcançados, a habilidade de nenhum artista é perfeita, valiosas palavras estão mais ocultas que as pedras preciosas e sem problemas pode estar entre os servos no moinho”<sup>25</sup>.

Não menos importante era a aproximação ética que havia do conhecimento adquirido.

No antigo Egito, os médicos analisavam cuidadosamente os sintomas que o paciente apresentava e então decidiam como atuar. Se as possibilidades de cura eram boas, o doutor dizia: “*Uma infecção que tratarei*” ou de outra maneira, “*Uma infecção com a qual lutarei*”.

Mas ao que se refere a ética e honestidade intelectual, havia também a frequente afirmação “*Uma infecção que não deve tratar*”<sup>26</sup>.

Esta atitude nobre é digna de se ressaltar, pois os médicos egípcios tinham a reputação de serem os mais eminentes do mundo antigo entre o terceiro e segundo milênio antes da nossa era, mas, apesar disso, não caíam em arrogância de acreditar ou declarar que podiam curar qualquer enfermidade.

Não se pode encontrar nos escritos de Hipócrates ou de Galeno tal demonstração de humildade e, ainda hoje, seria muito difícil de encontrar entre seus colegas modernos. Mais frequentemente uma série de sintomas ou sinais de uma enfermidade desconhecida, são descritas como uma “síndrome” à qual se agrega a algum tipo de nome especial e para sua cura diversas tentativas por meio de procedimentos com resultados duvidosos.

A intenção é certamente a de curar o paciente, mas a atitude dos antigos médicos egípcios parece estar livre da arrogância daqueles que recusaram no passado, e se recusariam hoje, em admitir publicamente, os limites de seu conhecimento ou capacidade.

Se levarmos em conta o resultado dos estudos recentes sobre alguns papiros

---

<sup>25</sup> Miriam Lichtheim, “The Old and Middle Kingdoms”. En *Ancient Egyptian Literature*, Vol. 1, (London, 1975), 63.

<sup>26</sup> John F. Nunn, *Ancient Egyptian Medicine*, (Londres: Museo Británico, 1996), 28.

médicos egípcios<sup>27</sup>, é possível que devemos mudar a percepção tradicional da ciência egípcia como puramente empírica e não merecedora de tal nome.

Embora seja tentadora a crença de que alguns filósofos gregos viajaram até o Egito para aprender com os seus colegas do Vale do Nilo, me mantenho cético frente a realidade ou utilidade de tais viagens.

Foi escrito o seguinte:

Os investigadores que põem em dúvida a possibilidade que alguns filósofos gregos (Tales, Pitágoras, Demócrito, Platão, Eudoxo e outros) poderiam ter visitado o Egito e aprendido algo ali, tal como a antiga tradição insiste que fizeram, não estão parados em terreno firme. Não é melhor para eles, por qualquer razão, indicar querer minimizar a possível influência que as civilizações gregas podem ter tido sobre os inteligentes gregos que os visitavam e faziam diversas perguntas, tal como Heródoto fez mais tarde e escreveu extensamente sobre suas experiências. A linguagem não pode ser um sério impedimento pois neste tempo a classe de intérpretes era numerosa e se encontrava em toda parte<sup>28</sup>.

A experiência de Heródoto e as poucas histórias críveis que recebeu de seus intérpretes, os quais seguramente não eram filósofos, nem cientistas, nem fiéis seguidores das tradições locais, faz ser muito improvável que este foi o veículo através do qual ambas as culturas se comunicaram.

O mais verossímil para nós, é que o conhecimento que os egípcios tinham de grego permitiu a comunicação quando eram enviados para Grécia de vez em quando para representar os interesses de faraós da Baixa Época, ou as trocas que poderiam ter lugar nos assentamentos gregos no Egito nesta época.

Finalizarei citando uma opinião de um dos grandes historiadores da arte egípcia antiga, Jean Capart, que pode ser aplicado a outros aspectos da civilização egípcia, como o da filosofia e outros.

Quantas vezes ouvi gente dizer, quando se enfrentam com uma das obras clássicas [de arte egípcia antiga], “Extraordinário, não parece nada egípcia”... O resultado inevitável tem sido que a arte da Grécia clássica se adaptou como um estandarte absoluto de perfeição, em referência a qual todos os outros novos movimentos artísticos devem

---

<sup>27</sup> “It is the first known important medical treatise and also the first known record that can be called a scientific document”. J. Trevor Hughes, “The Edwin Smith Surgical Papyrus: An analysis of the first case reports of spinal cord injuries”, *Paraplegia* 26 (1988): 71-82; Gonzalo Sánchez and Edmund Meltzer, *The Edwin Smith Papyrus* (Atlanta: Lockwood press, 2012), 400.

<sup>28</sup> Christos C. Evangelidou, *Hellenic Philosophy*, 15.

ser julgados e fixos a uma escala de progresso evolutivo. Assim, nenhuma dessas novas expressões pode aparecer em um assento superior na escala evolutiva, junto às perfeitas obras do século V antes de nossa era. Se estamos de acordo em utilizar a palavra “milagre” na esfera da arte, o erro que esta teoria padece é a crença que o milagre da perfeição só pode ocorrer uma vez na história da humanidade<sup>29</sup>.

Talvez estaríamos em terreno mais firme se fosse possível desviar de tais preconceitos, que resultam na difícil crença que um povo com uma larga tradição de vida civilizada, não esteve ocupado em especular sobre temas que definem nosso conceito moderno de filosofia.

Se os textos que tratam desses assuntos estiverem completamente ausentes do que sabemos agora sobre o antigo Egito, então estaríamos justificando a negação da existência de um pensamento filosófico lá. Sem problemas, penso que os numerosos exemplos que citei deveriam convencer do contrário.

## **Bibliografia**

ALLEN, James. *Genesis in Egypt, The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*. New Haven: Yale University, 1988.

BAINES, John R. Interpretations of religion, logic, discourse, rationality. *Göttinger Miszellen*, 76 (1984): 29.

BERNAL, Martin. *Black Athena, The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BERNAL, Martin, *Black Athena*. Vol. 1, *The Fabrication of Ancient Greece, 1785-1985*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BERNAL, Martin, *Black Athena*. Vol. 2, *The Archaeological and Documentary Evidence*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1991.

BERNAL, Martin, *Black Athena*. Vol. 3, *The Linguistic Evidence*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2006.

BERNAL, Martin. Part I, *The Pre-Socratics, Chapter I, The Rise of Greek Civilization*”, *A History of Western Philosophy*. New York: Simon & Schuster – Touchstone, 1967

---

<sup>29</sup> Jean Capart, “Egyptian art”. En *The Legacy of Egypt* (London: S. Glanville, 1943), 82-83.

CAMPOS SILVA, André de. 2010. The status of free will in ancient Egypt's Old and Middle Kingdoms according to the Instruction of Ptahhotep. Master's Thesis, University of Lisbon.

CARPAT, Jean. Egyptian art, en The Legacy of Egypt. London: S. Glanville, 1943.

DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane. Les Religions égyptiennes. Paris: Aristide Quillet, 1948.

DIODORUS, SICULUS. Book I. 69

ELSEBAIE, Sherine. 2000. The destiny of the world: A study on the end of the universe in the light of ancient Egyptian texts, Master's Thesis, University of Toronto.

EVANGELIOU, Christos C. Hellenic Philosophy, Origin and Character. Aldershot, 2006.

FARE GARNOT, Jean Sainte. Religions égyptiennes antiques, Bibliographie analytique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

FECHT, Gerhard. Die Wiedergewinnung der altägyptischen Verskunst, Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Kairo 19 (1963): 84-88

FISCHER, Henry George. Further evidence for the Logic of Ancient Egyptian: Diminishing Progression. Journal of the American Research Center in Egypt. 10 (1973): 5-9.

HARRIS, John. Chapter on Medicine. En The Legacy of Egypt. Oxford: Clarendon Press, 1971

HERODOTUS. Histories, Book II

HUGHES, J. Trevor. The Edwin Smith Surgical Papyrus: An analysis of the first case reports of spinal cord injuries. Paraplegia, Vol. 26 (1988): 71-82.

IMHAUSEN, Annette. Ägyptische Algorithmen: eine Untersuchung zu den mittelägyptischen mathematischen Aufgabentexten, Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag, 2003.

ISOCRATES. Busiris.

JAEGER, Werner W. Paideia: The Ideals of Greek Culture. New York, 1945.

JÉQUIER, Gustave. Considérations sur les religions égyptiennes, Neuchâtel: La Baconnière, 1946.

JOHANSEN, Karsten. A History of Ancient Philosophy, From the Beginning to Augustine. London: Taylor & Francis, 2005.

KENNY, Anthony. *Ancient Philosophy, A New History of Western Philosophy*, Vol. 1, Oxford: Oxford University Press, 2004. LEFKOWITZ, Mary R. y MCLEAN, Rogers Guy, Ed. *Black Athena Revisited*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996.

LEFKOWITZ, Mary. *Not Out of Africa*, New York: Basic Books, 1996.

LICHTHEIM, Miriam. *The Old and Middle Kingdoms*. En *Ancient Egyptian Literature*, Vol. 1, California: University of Carolina Press, 1975.

MÉNDEZ- RODRÍGUEZ, Daniel. “La imagen de Busiris y Memnón en las fuentes clásicas”, *Trabajos de Egiptología*, III Congreso Ibérico de Egiptología, 5/2, (2009).

MEYER, Robert. “Magical asceticism and moral purity in ancient Egypt”, in *Transformations of the Inner Self in Ancient Religions*. Leiden: J. Assmann and G. Stroumsa, 1999.

NUNN, John. *Ancient Egyptian Medicine*. Londres: Museo Británico, 1996. PROCLUS. *Commentary on Euclid*. 64

RUSSELL, Bertrand. *Wisdom of the West*. Londres: Fawcett Publications Inc, 1966.

SÁNCHEZ, Gonzalo and MELTZER, Edmund. *The Edwin Smith Papyrus*. Atlanta: Lockwood press, 2012.

SERVAJEAN, Frederic. À propos du temps (neheh) dans quelques textes du Moyen Empire, *ENIM* 1 (2008): 15-28

Uphill, E. P. “Never had the like occurred’: Egypt's view of its past”, En *The Ancient Egyptian View of World History*. Londres: Instituto de arqueología, 2003.

WILSON, John. *Egypt in H. Frankfort et al, Before Philosophy, The Intellectual Adventure of Ancient Man*. Harmondsworth: Penguin Books, 1959.